

# Escavar a camada paleográfica do texto: as letras como vestígios materiais em uma tradição textual

Digging the paleographic layer of the text: letters as material traces  
in a textual tradition

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i3.42496>

*Sílvio de Almeida Toledo Neto*

Professor Doutor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP,  
São Paulo – SP.

E-mail: [tolnet@usp.br](mailto:tolnet@usp.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4042-0961>

## RESUMO

Estudar as escritas de uma dada tradição textual é um procedimento fundamental para o filólogo, porque as individualizações dos modelos de escrita realizados ao longo da tradição existente, nos testemunhos de um determinado texto, caracterizam um dos aspectos importantes do que chamamos de *perfil filológico* do texto. Examinar a escrita manuscrita no âmbito de uma filologia *stricto sensu* não é o mesmo que estudar a escrita como principal objeto de pesquisa, da forma que costuma ser feito no âmbito estritamente paleográfico, porque, para o filólogo, o centro de preocupação não é a escrita em si, mas sim um texto específico, sua escrita e sua história.

**Palavras-chave:** Paleografia. Crítica Textual. Tradição textual. Escrita gótica. *Vita Christi*.

## ABSTRACT

Studying the writings of a given textual tradition is a fundamental procedure for the philologist, because the individualizations of the writing models carried out throughout the existing tradition, in the witnesses of a certain text, characterize one of the important aspects of what we call the text's *philological profile*. Examining handwritten writing in the context of a *stricto sensu* philology is not the same as studying writing as the main object of research, in the way that is usually done in a strictly paleographic scope, because, for the philologist, the center of concern is not writing itself, but rather a specific text, its writing and its history.

**Keywords:** Paleography. Textual Criticism. Textual tradition. Gothic Writing. *Vita Christi*.

## Introdução: o aspecto paleográfico do perfil filológico de um texto

Examinar um testemunho manuscrito, do ponto de vista material, é constatar quais são as características que compõem o seu suporte material, matéria aparente e matéria instrumental. Do encontro desses três elementos, nasce a letra manuscrita,<sup>1</sup> que se constitui, ao mesmo tempo, de características materiais, porque compõe-se de tinta e foi executada por um instrumento manejado pelo escriba, e de características, por assim dizer, imateriais, porque remetem o leitor aos planos do significante e do significado, no âmbito de uma língua. A execução das letras, no entanto, não é livre nem aleatória. A mente e a mão do escriba direcionam-se, com maior ou menor habilidade, orientadas por um modelo caligráfico que aprenderam e que se identifica, em última instância, com o padrão mais prestigiado no contexto em que a escrita se realiza.<sup>2</sup>

A relação entre a letra, física, individual, e o modelo, abstrato, geral, pode conduzir-nos, como pesquisadores da escrita, a, pelo menos, dois caminhos distintos: por um lado, ao estudo das características das letras (e do alfabeto a que pertencem) em relação com o testemunho e a tradição em que está inserido; por outro lado, ao caminho do estudo da escrita como exemplo da evolução e prática do tipo a que pertence. Para o filólogo, interessa mais especificamente o primeiro caminho, na medida em que percorrê-lo contribui com a descrição de um dos aspectos mais relevantes do texto e da sua escrita. Os traços caligráficos, que compõem cada um dos elementos da escrita manuscrita (letras, diacríticos, pontuação etc.), integram os níveis material e formal de um texto, se considerarmos que, segundo uma perspectiva filológica estrita, o texto e, mais concretamente, os seus testemunhos, podem ser divididos em três diferentes níveis de análise, a saber, o da materialidade, o da forma e o da substância.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Referimo-nos à letra tanto como a unidade de um sistema de escrita alfabético quanto como o formato de uma letra que pertence a um determinado estilo ou tipo gráfico (COULMAS, 1999).

<sup>2</sup> Sobre o ato de escrever, Stiennon (1973, p. 7) explica que se trata de um fenômeno muscular, psicológico e social: “Lorsqu’on étudie cet acte créateur, on s’aperçoit qu’il peut être réduit à trois aspects fondamentaux: c’est à la fois un phénomène musculaire, psychologique et social. Et quel que soit l’angle de vue sous lequel on observe ce dernier, la main nous impose sa présence, la main qui est en même temps partie intégrante du corps humain, outil de la pensée, reflet de l’être et moyen de communication entre les hommes.” Tradução nossa: “Quando estudamos esse ato criativo, vemos que ele pode ser reduzido a três aspectos fundamentais: é, ao mesmo tempo, um fenômeno muscular, psicológico e social. E seja qual for o ângulo de visão a partir do qual o observemos, a mão nos impõe sua presença, a mão que é, ao mesmo tempo, parte integrante do corpo humano, instrumento do pensamento, reflexo do ser e meio de comunicação entre os homens.”

<sup>3</sup> A Filologia preocupa-se com a produção material e a existência histórica do texto escrito. As disciplinas filológicas, quando são utilizadas de forma solidária entre si, visam um objeto comum: o texto e a sua escrita. As preocupações do filólogo concentram-se no estudo das técnicas e dos materiais que serviram à produção escrita de um texto; no estudo das condições históricas que rodearam e influenciaram a produção do texto; seus itinerários e lugares de pouso, sua conservação, mutilações e restauros; número, condições e protagonistas dos atos reprodutórios. Há interesse pelas

Como elementos que constituem os testemunhos – os quais fazem parte, muitas vezes, de uma tradição fragmentária, quanto mais recuamos no tempo –, os hábitos de escrita de cada punho servirão para caracterizá-los e individualizá-los. A individualização dos testemunhos, em todos os níveis, é um fator de grande interesse para o filólogo, na medida em que ele pretende descrever cada um dos testemunhos da melhor forma que puder, para dar-lhes o devido peso dentro da tradição da obra.<sup>4</sup> Por isso, a descrição criteriosa das escritas no âmbito da tradição da obra corrobora identidades e distinções que, embora não sejam os únicos traços para uma classificação social e espaço-temporal dos testemunhos, vêm a colaborar significativamente para esse propósito.

No que concerne à Filologia de original ausente,<sup>5</sup> em que se enquadram, como objeto de estudo, as obras da literatura medieval portuguesa, a análise do texto subdivide-se em duas perspectivas: a que parte do testemunho e a que parte do do texto. O *testemunho*, materialização do texto em um determinado tempo e espaço, difere do *texto*, entendido como sinônimo de *obra*, resultante de um processo de transmissão que produz o crescente distanciamento entre original e cópia. Para o exame de um aspecto e de outro, são mobilizadas, necessariamente, as disciplinas filológicas. A conjugação de uma perspectiva vertical, sobre o testemunho, com uma perspectiva horizontal, sobre o texto, examinadas a partir da filologia *stricto sensu*, compõem, como resultado, o que denominamos *perfil filológico* do texto, considerado em seus planos material, formal e substancial. Na composição desse quadro, a Paleografia, a Codicologia e a Crítica Textual, por exemplo, em si autônomas, – porque têm método, objeto e objetivo próprios – operam em conjunto, dado que convergem para a fixação do *retrato*, da *biografia* e da *genealogia* de um texto. O cruzamento de diferentes caminhos, compostos pelas disciplinas filológicas, em um ponto comum, composto por um texto específico, define uma perspectiva nitidamente filológica, frente à de disciplinas limítrofes, com as quais a Filologia é interdisciplinar.<sup>6</sup>

---

componentes gráficas, gramaticais, lexicais e discursivas do texto e, como ponto mais evidente, o estudo das técnicas de publicação e o preparo de edições (CASTRO, 1997, col. 605).

<sup>4</sup> No âmbito da *recensio* de uma edição crítica, realizam-se a recolha e a descrição dos testemunhos da tradição de um texto, com o objetivo de construir uma árvore genealógica, ou *stemma codicum*, por meio da colação das variantes e localização dos erros do texto (PÉREZ PRIEGO, 2011, p. 115). Informações paleográficas são relevantes para compor o quadro de descrição de cada testemunho.

<sup>5</sup> Nos limites de uma filologia de original ausente, estudam-se tradições cujo original pereceu e dele sobrevivem apenas cópias distantes que não concordam entre si e que levantam fundadas dúvidas sobre o que o autor terá realmente dito (Castro, 1999-2000, p. 165).

<sup>6</sup> O conceito de *perfil filológico* é, portanto, útil para os estudos filológicos, porque esclarece que eles concentram-se no texto, e não na sua escrita ou materialidade, como objetos de estudo em si, separados desse texto e da sua história. Neste caso, já estaríamos no âmbito exclusivo da Codicologia ou da Paleografia, mas não mais no da Filologia estrita.

## 1. A paleografia sincrônica e o estudo da tradição de um texto

Para bem compreender as características paleográficas de um testemunho, é preciso partir de um quadro mais amplo, no qual a escrita do testemunho vai situar-se na esquina entre dois eixos, denominados *paleografia sincrônica* e *paleografia diacrônica*. Na perspectiva adotada a partir do eixo (ou nível) sincrônico, procura-se compreender, segundo Gumbert (2000, p. 10), quais escritas foram coetâneas em dado momento e cultura, em que proporções, quem pensou nessas escritas e por que escolheu um dos tipos de escrita em lugar de outro. Complementa essa perspectiva a do eixo diacrônico, que informa sobre a sucessão cronológica dos tipos de escrita, explica quais são as características de cada escrita, procura compreender quando, como e por que as escritas mudam e são substituídas por outras.<sup>7</sup> Mesmo que o objetivo do filólogo não seja descrever a escrita senão em função do seu testemunho (ou testemunhos), objetos de sua análise, torna-se imprescindível, no itinerário de sua pesquisa, considerar a existência dessa abordagem biaxial da escrita.

Tomando como referência o eixo sincrônico, que é o que mais vai nos interessar neste trabalho, propomos que ele está disposto em um *continuum* entre uma escrita ideal e uma escrita real, que varia, daquela para esta, por meio da crescente individualização do traçado (que se reflete no modo mais ou menos rápido de escrever). Nos termos de Nogueira (2007), opõem-se nesse eixo a escrita caligráfica e a escrita cursiva. No que concerne aos níveis de cursividade da escrita, a diferença entre as *escritas*

---

<sup>7</sup> Segundo Gumbert (2000, p. 9), há dois níveis de análise paleográfica, um que dá nome às escritas e outro que analisa o texto. O primeiro é o nível diacrônico e o segundo, o nível sincrônico. Como explica o autor (GUMBERT, 2000, p. 9, grifos do autor): “Uno [nível] es el de la *paleografía diacrónica*, que es la que se encuentra en los manuales. Nos dice que primero existía la capital, después la uncial, más tarde la semiuncial; primero la carolina, después la gótica, más tarde la humanística. Explica cuáles son las características de cada escritura; trata de comprender el cuándo y el cómo y, quizá incluso, el porqué las escrituras cambian y finalmente se reemplazan por otras escrituras. Esto es la historia de la escritura. Si el conocimiento que tenemos es lo suficientemente preciso, se puede incluso afirmar que un manuscrito debe de datar de un cierto período, porque está escrito en tal o cual escritura. El otro ‘nível’ es el de la *paleografía sincrónica*, que no se encuentra en los manuales. Aquí uno se pregunta qué escrituras fueron coetâneas, en un momento dado y en un marco cultural dado, en qué proporciones, qué gente pensó en esas escrituras, y por é [sic], para ciertos trabajos, elegirían uno de los tipos de escritura disponible en lugar de otro. El resultado ideal de ambas actividades y al mismo tiempo la condición necesaria de progreso continuo constituyen una comprensión clara de las escrituras en el contexto histórico, expresadas en una *nomenclatura que históricamente sea válida*.” Tradução nossa: “Um [nível] é o da *paleografia diacrônica*, que é a que se encontra nos manuais. Ele nos conta que primeiro havia a capital, depois a uncial, mais tarde a semi-uncial; primeiro a carolina, depois a gótica, mais tarde a humanística. Explica quais são as características de cada escrita; tenta entender quando, como e talvez até por que as escritas mudam e acabam sendo substituídas por outras escritas. Esta é a história da escrita. Se o conhecimento que temos é suficientemente preciso, pode-se até afirmar que um manuscrito deve datar de uma determinada época, porque está escrito nesta ou naquela escrita. O outro ‘nível’ é o da *paleografia sincrônica*, que não é encontrado nos manuais. Aqui nos perguntamos quais escritas foram contemporâneas, em um determinado momento e em um determinado quadro cultural, em que proporções, o que as pessoas pensaram desses escritos, e por que, para certas obras, eles escolheriam um dos tipos de escrita disponíveis em vez de outro. O resultado ideal de ambas as atividades e, ao mesmo tempo, a condição necessária de progresso contínuo constituem uma compreensão clara das escritas no contexto histórico, expressas em uma *nomenclatura que seja historicamente válida*.”

*caligráficas* e as *escritas cursivas* associa-se, para Nogueira (2007), aos conceitos de *modelo mental da escrita* e de *execução da escrita*. As escritas caligráficas, por um lado, diferenciam-se pouco do modelo mental (figura) em sua execução (feitura).<sup>8</sup> Nas escritas cursivas, por outro lado, o modelo e a execução distanciam-se bem mais, por causa do traçado veloz e encadeado.<sup>9</sup> Com a rapidez do traçado, sacrificam-se a exatidão e a correspondência ao modelo das formas e dos signos (NÚÑEZ CONTRERAS, 1994, p. 45). Nesse caso, a mão e o olho tendem a simplificar os traços essenciais das letras, ao levantar o menos possível o instrumento de escrita do suporte material (Cf. tb. TOLEDO NETO, 2018, p. 297). O esquema 1 sintetiza os conceitos descritos.

Esquema 1 – Características da escrita caligráfica e da escrita cursiva

escritas caligráficas	}	há menor distância entre o modelo mental (figura)
		da escrita e a execução (feitura) da escrita
escritas cursivas	}	há maior distância entre o modelo mental (figura) da
		escrita e a execução (feitura) da escrita

Fonte: Elaboração própria.

Situar-se a escrita mais próxima ou mais distante do seu modelo é um aspecto fundamental para caracterizá-la sob uma perspectiva paleográfica sincrônica.<sup>10</sup> Mas o viés sincrônico do modelo complementa-se pela identificação do gênero textual e, conseqüentemente, pelo público a que o texto é dirigido. Quanto maior o público a que é destinado o texto, menos marcada por traços individuais é

<sup>8</sup> Riesco Terrero *et al.* (1995, p. 196), ao descrever o ms. *Anacephaleosis seu Genealogiae regum Hispaniae*, de Alonso de Cartagena, séc. XVI, escrito em gótica redonda, tece um comentário que exemplifica esse tipo de escrita: “Las letras fueron ejecutadas por un experto amanuense, el qual trabajó a modo de calígrafo. [...] La repetición mimética de un modelo gráfico se aprecia en la falta de espontaneidad en el trazado. Por tal motivo se podría hablar de grafía ‘canonizada.’” Tradução nossa: “As letras foram executadas por um escriba experiente, que trabalhou como calígrafo. [...] A repetição mimética de um modelo gráfico pode ser percebida na falta de espontaneidade do traçado. Por este motivo, poder-se-ia falar de grafia ‘canonizada.’”

<sup>9</sup> Riesco Terrero *et al.* (1995, p. 169) apresentam um exemplo que complementa o da nota anterior. Trata-se de um documento datado de 2 de outubro de 1459, lavrado em Madri (Madrid, Archivo Municipal, Documentos Reales, 2-412-41), dirigido por Henrique IV ao conselho de Madri, referente a propriedades de Alfonso Díaz de Montalbo. Comentam os autores: “Si bien la escritura cortesana no es sino una gótica extremadamente cursiva, experimenta una evidente transformación que consiste en redondear y estrechar los caracteres, dando forma curva a sus rasgueos y, sobre todo, en el aumento de los enlaces y en la tendencia a escribir de un solo golpe de pluma hasta varias palabras.” Tradução nossa: “Embora a escrita cortesã não passe de uma gótica extremamente cursiva, sofre uma evidente transformação que consiste em arredondar e estreitar os caracteres, dando forma curva aos seus traços e, sobretudo, no aumento dos enlaces e na tendência para escrever, com um único golpe de pena, até várias palavras.”

<sup>10</sup> A distinção entre escritas caligráficas e cursivas, nos termos de Nogueira (2007), identifica-se com o que autores como Lasala (2010, p. 6) classificam por escrita normalizada (*scrittura normalizzata*) e escrita cotidiana (*scrittura cotidiana*). A primeira, por um lado, representa o modelo ideal, isto é, a norma que os escribas de cada época construíram sobre a própria escrita, por meio da instrução da escola ou de outros influxos (leituras, gosto estético etc.). A escrita cotidiana, por outro lado, é aquela comumente usada na escrita individual, subjugada às tendências naturais ligadas ao ato de escrever, a saber, rapidez no traçado, simplificação das letras etc.

a escrita; quanto menor o público, mais marcada por idiosincrasias do copista se faz a escrita. É a oposição que se estabelece entre as categorias que Lasala (2010, p. 6) denomina como *escrita librária* e *escrita cursiva*. A escrita librária (*scrittura libraria*) é aquela elaborada nos manuscritos destinados à leitura de muitos, isto é, os livros e os códices. É uma escrita não só clara, como bela, porque nela surgem a harmonia das dimensões e das proporções, a regularidade do alinhamento e a exatidão do traçado. Por vezes denomina-se *scrittura posata* (escrita ‘direita’, ‘assentada’),<sup>11</sup> porque parece mais desenhada do que escrita e quase não utiliza ligaduras<sup>12</sup> entre as letras. A escrita cursiva (*scrittura corsiva*) seria aquela com um traçado bastante rápido, rica em ligaduras. Essa modalidade de escrita conduz a um certo descaso e irregularidade na execução dos traços, permitindo muito espaço ao traçado próprio do escriba. Esse tipo de escrita serve para as notas de uso pessoal e cotidiano, assim como para as cartas, documentos e registros.

Com base no que até agora dissemos, podemos tecer um breve comentário sobre exemplos de variação das escritas em testemunhos da primeira parte da *Vita Christi*.<sup>13</sup> Argumentamos que o exame da escrita manuscrita no âmbito de uma filologia *stricto sensu* não tem o mesmo objetivo que estudar a escrita como principal objeto de pesquisa, da forma que costuma ocorrer em âmbito estritamente paleográfico, porque, para o filólogo, o centro de preocupação não será a escrita em si, mas sim um texto específico, sua escrita e sua história.

## 2. As escritas caligráficas em três testemunhos da primeira parte da *Vita Christi*: análise de exemplos

Entre os testemunhos da tradição direta da primeira parte da *Vita Christi*, há três que se caracterizam por estarem redigidos em escrita gótica caligráfica librária.<sup>14</sup> Foi esse o motivo que nos

---

<sup>11</sup> Uma definição da *scrittura posata* seria a seguinte: “In calligrafia e in paleografia, scrittura eseguita con i singoli tratti ben distinti tra loro e quasi disegnati più che scritti, con prevalente orientamento diritto, con speciale riguardo alla bellezza e perfezione della forma.” (*Enciclopedia Treccani, s. v. scrittura posata*). Tradução nossa: “Na caligrafia e paleografia, a escrita realizada com os traços individuais claramente distintos uns dos outros e quase desenhados em vez de escritos, com uma orientação direita predominante, com atenção especial à beleza e perfeição da forma.” Em termos mais sintéticos, Núñez Contreras (1994, p. 45) explica que a *scrittura sentada* é aquela em que se cura da execução dos signos com a máxima exatidão, segundo o modelo de suas formas.

<sup>12</sup> As ligaduras são traços que unem uma letra a outra, as quais teriam de ser executadas em separado, levantando-se o instrumento gráfico. (NÚÑEZ CONTRERAS, 1994, p. 43).

<sup>13</sup> O livro *Vita Domini nostri Jesu Christi ex quatuor evangelis* foi escrito por Ludolfo de Saxônia, monge cartusiano em Estrasburgo, na segunda metade do século XIV. Em Portugal, o texto latino foi traduzido no reinado de D. Duarte (\*1391-†1438).

<sup>14</sup> ‘Escrita gótica’ é uma designação geral para escritas medievais que não são humanísticas. Ao usar o termo nessa acepção, estamos em consonância com Derolez (2006, p. 10), quando afirma o seguinte: “The term Gothic has many meanings, even within the limited circle of palaeographers. In conformity with widespread practice, it is used here as a generic name for all late medieval scripts that are no Humanistic.” Tradução nossa: “O termo Gótico tem muitos

levou a selecioná-los para um cotejo paleográfico. Os testemunhos são os seguintes: 1) A<sub>1</sub> (c. 1445-46); 2) E<sub>1,2</sub> (c. 1450); e 3) M (séc. XV).<sup>15</sup> Um retrato paleográfico desses testemunhos pode ser visualizado nos excertos a seguir:

Quadro 1 – Excertos dos testemunhos A<sub>1</sub>, E<sub>1,2</sub> e M

A <sub>1</sub>	
E <sub>1,2</sub>	
M	

Fonte: Elaboração própria.

Desse conjunto, só um dos testemunhos manuscritos, a saber, A<sub>1</sub>, apresenta datação explícita (15 de junho de 1445) e é quase integral. Os outros dois, E<sub>1,2</sub> e M, são fragmentários e não registram data explícita, embora possam ser datados, por suas características materiais e linguísticas, do século XV (provavelmente da segunda metade).

---

significados, mesmo dentro do círculo limitado de paleógrafos. Em conformidade com a prática generalizada, é usado aqui como um nome genérico para todas as escritas do final da Idade Média que não são Humanísticas”.

<sup>15</sup> Os testemunhos mais antigos preservados da primeira parte da *Vita Christi* são os seguintes: A<sub>1</sub> (ALC. 451, Bitagap manid 1118), E<sub>1</sub> (Pergs. frags., pasta 4, doc. 3, Bitagap manid 1605), E<sub>2</sub> (Pergs. frags., pasta 4, doc. 4, Bitagap manid 1960), L (Ord. Cist., Most. de Lorvão, cód. 33, Bitagap manid 4026), M (Ms/P/IL, cx. 4/ p. 6/ fr. 1 [capa], Bitagap manid 6673) e I<sub>1</sub> (Inc - 1541, Bitagap manid 1005). Há também um excerto do texto, reproduzido no *Leal Conselheiro*, de D. Duarte (Fonds Portugais, 5, Bitagap manid 1154).

Para explorar as diferenças paleográficas (voltadas para a forma de cada letra) entre os testemunhos A<sub>1</sub>, E<sub>1,2</sub> e M, selecionamos ocorrências de letras identificadas como significativamente contrastantes entre os modelos de gótica encontrados. As maiúsculas e minúsculas foram subdivididas entre os quadros 2 e 3.<sup>16</sup>

Quadro 2 – Variantes caligráficas entre exemplos de minúsculas dos testemunhos A<sub>1</sub>, E<sub>1,2</sub> e M<sup>17</sup>

	A <sub>1</sub>	E <sub>1,2</sub>	M
ç			
d			
e tironiano			
g			
r			
s			
v			
z			

Fonte: Elaboração própria.

<sup>16</sup> Consideramos a *forma* da letra como um elemento cultural e historicamente condicionado. Quando falamos da forma, ou morfologia, da letra, queremos referir-nos, mais amplamente, aos elementos constitutivos da escrita. Dentre os que se relacionam com a estrutura dos signos, estão os seguintes: morfologia, ângulo, *ductus*, módulo, peso, ligaduras e nexos. (Cf. NÚÑEZ CONTRERAS, 1994, p. 38-44). Outra questão, que aqui não se coloca, seria estudar as letras como parte de um sistema de representação escrita da língua, o que é preocupação da Grafemática. Nesse caso, o estudo se voltaria para o grafema. Segundo Crystal (2011, *s.v. grapheme*), o grafema é a unidade mínima contrastiva do sistema de escrita de uma língua. O grafema <a>, por exemplo, é realizado como vários alógrafos, A, a etc.

<sup>17</sup> A seleção das letras apresentadas nos quadros 2 e 3 justifica-se por serem identificadas por estudiosos (como, por ex., Derolez (2006)) como as mais características da escrita gótica rotunda praticada em Portugal.

Com base nos exemplos do quadro 2, evidencia-se que as escritas dos três testemunhos examinados remetem a um mesmo modelo, qual seja, o da escrita gótica redonda ou *rotunda* (SÁNCHEZ PRIETO; DOMÍNGUEZ APARICIO, 2000, p. 122).<sup>18</sup> Se tomarmos como referência os caracteres propostos para uma escrita caligráfica (ou normalizada) desse modelo, ficará claro qual é o grau de variação (e de individualização) que apresenta cada testemunho.<sup>19</sup> Um modelo canônico de gótica rotunda para as letras selecionadas seria o seguinte:

Figura 1 – Exemplos de letras em gótica redonda



Fonte: Sánchez Prieto; Domínguez Aparicio (2000, p. 122-123).

Ao compararmos o modelo com os testemunhos, constatamos que alguns traços sobressaem como específicos em cada um dos testemunhos. Fica evidente que havia não só uma norma caligráfica geral a ser seguida, mas também práticas (e normas) locais que a especificavam. O *d* apresenta uma haste bem mais longa nos três testemunhos. Em M, o *d* tem um corpo mais estreito que nos outros testemunhos. O *g* tem uma variante com cauda horizontal à esquerda (em A<sub>1</sub> e M). O *r* com cauda longa é recorrente em todos os testemunhos, a par de outras variantes curtas. Em E<sub>1,2</sub>, o *r* longo é

<sup>18</sup> Heitlinger (2007, p. 5) esclarece as ramificações da gótica libraria usada nos primeiros textos impressos, da qual a gótica rotunda é um subgrupo. As observações não deixam de ser úteis também para os textos manuscritos: “A Gótica Libraria (*textualis*) foi utilizada em edições de livros, sobretudo livros de luxo. Mais tarde, também se lhe deu o nome de ‘formada’ (*formata*) porque os primeiros impressores usaram esta letra, copiada ao estilo (à forma) dos manuscritos da época. Entre os elementos da Gótica Libraria, sobressaem os estilos Textura (alta, esguia, muito compacta, fracturada), Redonda ou Rotunda, e Fraktur (letra quebrada). A Textura, vulgar na Alemanha, foi utilizada por Gutenberg na edição da sua B-42; a Fraktur desenvolveu-se como um estilo de cunho protestante e alemão.” O mesmo autor (HEITLINGER, 2007, p. 5-6) explica as características da rotunda impressa: “A Rotunda é essencialmente de forma redonda, com um traçado que ainda hoje nos favorece a leitura, já que os glifos não são muito compactados (pelos menos, quando comparados com a Textura). Terá afinidades remotas com a bastante mais antiga letra Carolina, mas as formas mostram muito mais angulosidade e traços mais grossos, menos fluidos. Daí que uma Rotunda mostre sempre maior peso visual que uma Carolina. [...] A Rotunda localizou-se nos países católicos, surgiu em Itália, no século xiii para contrariar os estilos góticos angulosos populares no Norte da Europa. Mas embora nascesse em Itália, a sua mais rápida imposição sucede em França e sobretudo, com o tardio advento da Imprensa, na Península Ibérica, de gosto marcadamente tardio-medieval.”

<sup>19</sup> Conforme Lasala (2010, p. 78, grifos do autor), “In Spagna nacque durante il sec. XIV un tipo nazionale per i testi in lingua spagnola: la scrittura **redonda de libros**, le cui lettere sono larghe e rotonde, i tratti verticali ed obliqui diventano pesanti; sottili rimangono, tuttavia, i tratti ascendenti da sinistra a destra; molto caratteristiche sono la ‘d’ unciale con lunga asta pesante e la ‘z’ simile alla ‘s’ finale delle parole greche.” Tradução nossa: “Na Espanha nasceu, durante o século XIV, um tipo nacional para textos em espanhol: a escrita **redonda de libros**, cujas letras são grandes e redondas, os traços verticais e oblíquos tornam-se pesados; no entanto, os traços ascendentes da esquerda para a direita permanecem sutis; muito característicos são o ‘d’ uncial com uma haste longa e pesada e o ‘z’ semelhante ao ‘s’ final das palavras gregas.”

usado com maior frequência somente nos casos de *rr*.<sup>20</sup> A cauda de uma das variantes do *s* é oblíqua à esquerda e não redonda (com variação entre os testemunhos). A primeira haste do *v* é longa nos três testemunhos. O *z* pode apresentar variante com cauda horizontal (em *A*<sub>1</sub> e *E*<sub>1,2</sub>). São todas características que se enquadram em práticas já estudadas e descritas para a gótica executada na Península Ibérica.

A escrita empregada nos testemunhos identifica-se como *híbrida portuguesa* (DEROLEZ, 2006, p. 172). A híbrida portuguesa caracteriza-se principalmente pelo *d* com haste longa e diagonal à esquerda; o *s* final com curva em sentido anti-horário, traço horizontal e cauda diagonal à esquerda; o *z* com cauda horizontal; e o desenho do *e* tironiano (frente a uma forma mais geral do sinal, como ). Outras características desse tipo de escrita são as seguintes: o *ç* com a cedilha bem abaixo e desligada do *c*; o *g* com cauda que se fecha em volta em sentido horário; tendência de uso de *j* em posições específicas (antes ou depois de *m, n, u*, depois de *l*), ou no início de palavras; o *r* com haste longa e o *v* com o primeiro traço longo.<sup>21</sup>

No caso das maiúsculas, as opções dos escribas parecem ser mais variadas que no caso das minúsculas. Senão vejamos os exemplos no quadro 3.<sup>22</sup>

Quadro 3 – Variantes caligráficas entre as maiúsculas *A, O, R, S* e *T* nos testemunhos *A*<sub>1</sub>, *E*<sub>1,2</sub> e *M*

<i>A</i> <sub>1</sub>					
<i>E</i> <sub>1,2</sub>					

<sup>20</sup> Essa observação abre espaço para o diferente emprego das variantes de cada letra em cada testemunho, ponto muito relevante para a distinção de cada testemunho, mas que exige um levantamento exaustivo de ocorrências.

<sup>21</sup> Riesco Terrero *et al.* (1995) elaboram um quadro classificatório minucioso para as escritas ibéricas, baseado em elementos internos (níveis de cursividade) e externos (função do texto). As escritas aqui exemplificadas aproximam-se do que os autores denominam como *gótica tipificada, pausada e formada, documental* (em ms. de 1339), *gótica impura (semicursiva, formada e librária)* (em ms. de 1443) e *gótica redonda (pausada, formada e librária)* (em ms. do séc. XVI).

<sup>22</sup> Trata-se de um quadro exemplificativo. As variantes foram extraídas dos primeiros dez fólios de *A*<sub>1</sub>, condicionada a recolha pelas maiúsculas mais características de *E*<sub>1,2</sub> e *M*, examinados integralmente.



Fonte: Elaboração própria.

Há contrastes mais fortes como no caso de *A*. Em *A*<sub>1</sub>, constitui-se o *A* por um traço vertical, curvado à esquerda e um corpo, que se arremata por traço oblíquo à direita, junto à parte inferior do traço vertical. Em *M*, a letra *A* compõe-se de três traços de mesmo peso, a lembrar a forma de um *e* tironiano, e parece aproximar-se de uma escrita cursiva, o que se vê também no *R*. Quanto ao *A* de *E*<sub>1,2</sub>, uma das variantes parece derivar de um modelo humanístico, como: **A**. No caso de *O*, separam-se formas mais angulosas, como a primeira variante de *A*<sub>1</sub> e a segunda de *M*, que contrastam com variantes mais redondas, como ocorre em *A*<sub>1</sub> e em *E*<sub>1,2</sub>. O *R* em *E*<sub>1,2</sub>, parece apresentar forma mais próxima do modelo humanístico, como: **R**. Evidências pontuais de um hibridismo entre o modelo gótico e humanístico já durante a segunda metade do século XV, em Portugal.<sup>23</sup> Talvez esse aspecto, conjugado com outros referentes à materialidade, seja útil para datar e localizar mais precisamente o testemunho. Concluem o quadro o *S* e o *T*, que, nos três testemunhos, enquadram-se no modelo gótico redondo, com variações individuais entre formas mais arredondadas e angulosas (neste caso, o *S* do testemunho *M*).

### Considerações finais: uma paleografia comparada em microescala

Como podemos constatar por essa breve análise, a realização da gótica rotunda nos testemunhos examinados apresenta variações que interessam aos estudos paleográficos da segunda metade do século XV em Portugal. Mas, como já referimos, talvez a maior relevância de dados como esses para o filólogo seja esclarecer as diferenças dos hábitos caligráficos entre os testemunhos de uma mesma tradição. Ao pensarmos na Filologia em sentido estrito, concebemos a disciplina como um olhar sobre o texto, filtrado pelas lentes das disciplinas filológicas. A Filologia *compõe-se* das disciplinas filológicas. Nesse âmbito, a Paleografia será fundamental para estudar a materialidade e as formas da escrita

<sup>23</sup> Os exemplos foram retirados do fól. 482v do *Universal vocabulario en latín y en romance*, de Alfonso de Palencia (El Escorial, Biblioteca del Real Monasterio, ms. f. II.11), reproduzido em Riesco Terrero *et al.* (1995, p. 73), em cujo testemunho convivem a humanística cursiva e uma escrita híbrida.

manuscrita, enquadradas na história da formação e evolução dos sistemas gráficos de representação verbal. Uma *paleografia comparada* em microescala, que toma como ponto de partida os *fragmentos materiais* de uma dada tradição e que se propõe a constatar as particularidades da escrita de cada punho, como mais um traço do perfil filológico dos testemunhos e, conseqüentemente, do texto, da sua escrita e da sua história.

## Referências bibliográficas

- BITAGAP (Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses)**. ASKINS, Arthur L-F. (dir.). The Bancroft Library: University of California, Berkeley, 1997. Disponível em: <[http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/bitagap\\_en.html](http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/bitagap_en.html)>. Acesso: 14 mar. 2021.
- CASTRO, Ivo. Filologia. **Biblos**. Lisboa: Verbo, 1997. col. 602-609.
- CASTRO, Ivo. A fascinação dos espólios. **Leituras**. Lisboa, s. 3, n.º 5, Out. 1999 – Abr. 2000. p. 161-166.
- COULMAS, Florian. **The Blackwell encyclopedia of writing systems**. Oxford: Backwell, 1999.
- CRYSTAL, David. **A dictionary of linguistics and phonetics**. 6. ed. John Wiley & Sons, 2011.
- DEROLEZ, Albert. **The palaeography of gothic manuscript books**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- GUMBERT, Johan Peter. Letras y coordenadas: enfoque cartesiano a una disciplina humana. **SIGNO**. Revista de Historia de la Cultura Escrita. Universidad de Alcalá, v. 7, p. 9-28, 2000.
- HEITLINGER, Paulo. **Gótica Rotunda: apresentação de três fontes digitais**. Disponível em: <<http://www.tipografos.net/fonts/gotica-sforza.html>>. Acesso em: 14 mar. 2021.
- LASALA, Fernando-J. de. **Compendio di storia della scrittura latina**. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 2010.
- NOGUEIRA, Bernardo Maria Godinho de Sá. **Introdução à paleografia e diplomática: programa, conteúdos, métodos, bibliografia**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007.
- NÚÑEZ CONTRERAS, Manuel. **Manual de Paleografía**. Madrid: Cátedra, 1994, p. 35-55.
- PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel. **La edición de textos**. 2. ed. ampl. y act. Madrid: Editorial Síntesis, 2011.
- RIESCO TERRERO, Ángel *et al.* **Aproximación a la cultura escrita: material de apoyo**. Madrid: Editorial Playor, 1995.
- RIESCO TERRERO, Ángel. **Introducción a la paleografía y la diplomática general**. Madrid: Editorial Síntesis, 2000.
- SÁNCHEZ PRIETO, Ana Belén; DOMÍNGUEZ APARICIO, Jesús. Las escrituras góticas. *In*: RIESCO TERRERO, Ángel. **Introducción a la paleografía y la diplomática general**. Madrid: Editorial Síntesis, 2000. cap. 6, p. 111-147.
- STIENNON, Jacques. **Paléographie du Moyen Age**. Paris: Armand Colin, 1973, p. 7-22.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Datação e localização dos tipos de escrita: informações relevantes para a crítica textual? *In*: LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento (org.). **Paleografia e suas interfaces**. Salvador: Memória & Arte, 2018, p. 294–305.

TRECCANI. Enciclopedia online. Disponível em: <<https://www.treccani.it/enciclopedia/>>. Acesso em: 14 mar. 2021.